

JEFFERY DEAVER

CARTA BRANCA

O novo romance de James Bond

Tradução de Mário Dias Correia



1

Com a mão na alavanca do homem-morto, o maquinista da locomotiva dos Caminhos de Ferro Sérvios voltou a sentir a excitação que lhe era tão familiar naquele troço da linha, a norte de Belgrado e já próximo de Novi Sad.

Aquela era a rota do famoso Expresso do Oriente Arlberg que, entre os anos 1930 e os anos 1960, atravessava o continente de Atenas a Paris. Não conduzia, claro, uma refulgente locomotiva a vapor *Pacific 231*, nem levava atrás de si elegantes carruagens-restaurante, suítes e carruagens-cama, um esplendor de mogno e latões dourados onde os passageiros flutuavam num vapor de luxo e expectativa. Dirigia uma velharia vinda da América que arrastava uma enfiada de vagões mais ou menos fiáveis onde se amontoava uma carga bem mais prosaica.

E, no entanto, estava inquieto.

Entre os vagões com destino a Budapeste e que transportavam carvão, sucata de metal, bens de consumo e madeira, havia um que lhe causava uma enorme preocupação. Estava carregado com bidões de MIC – isocianato de metilo – cujo destino era a Hungria, onde seria usado no fabrico de borracha.

O maquinista – um homem gordo e careca, com um barrete azul muito surrado e um fato-macaco cheio de nódoas – fora detalhadamente informado a respeito daquele mortífero produto químico pelo seu supervisor e por um idiota qualquer do Ministério para a Supervisão e Segurança dos Transportes da Sérvia. Alguns anos antes, aquela

substância matara oito mil pessoas em Bhopal, na Índia, no espaço de poucos dias depois de uma fuga numa fábrica local.

Reconhecera o perigo que a carga representava, mas, sendo um ferroviário veterano e membro do sindicato, perguntara:

– O que é que isso significa em relação ao trajeto até Budapeste... especificamente?

O chefe e o burocrata tinham trocado um olhar carregado de oficialismo e, após uma pausa, acabaram por dizer:

– Tenha muito cuidado, só isso.

As luzes de Novi Sad, a segunda maior cidade da Sérvia, começavam a surgir à distância, e mais adiante, na noite que se adensava, o Danúbio parecia uma faixa pálida. A História e a música celebravam-no, mas na realidade era castanho, sem nada de espetacular, percorrido por grandes barças e navios-cisterna, não por românticas naves iluminadas por velas e cheias de pares apaixonados e orquestras vieneses. Pelo menos ali. Mesmo assim, *era* o Danúbio, um ícone do orgulho balcânico, e o velho maquinista enchia sempre o peito quando conduzia o seu comboio por cima da ponte.

O seu rio...

Espreitou através do sujo para-brisas e inspecionou a via que se estendia à sua frente iluminada pelo farol da locomotiva. Nada a assinalar.

Havia oito entalhes no mecanismo de controlo de aceleração, correspondendo o primeiro à velocidade mais baixa. Tinha-o no quinto, mas deixou-o recuar para o terceiro, para abrandar a composição antes de entrar numa série de curvas. O rugido do motor de 4000 cavalos tornou-se mais suave quando ele cortou a voltagem que chegava aos motores de tração.

No início do troço de reta que levava à ponte, voltou a empurrá-lo para o quinto e depois para o sexto. O motor vibrou mais alto e mais rápido, e o velho maquinista ouviu uma série de pancadas metálicas vindas lá de trás. Sabia que eram apenas os engates entre os vagões a protestar contra a mudança de velocidade, uma pequena cacofonia que já ouvira milhares de vezes. Mas a imaginação tentou convencê-lo de que aquele barulho era provocado pelos contentores metálicos que continham o mortífero produto químico e que viajavam no terceiro

vagão a chocarem uns contra os outros, correndo o risco de derramar o seu veneno.

Que disparate, disse para si mesmo, e concentrou-se em manter uma velocidade regular. E então, por nenhuma outra razão que não fosse sentir-se melhor, puxou a corrente do apito.

2

Deitado de bruços no cimo de uma colina e rodeado por uma cortina de ervas, um homem de rosto sério e gestos furtivos ouviu o apito ao longe, a quilómetros de distância. Um olhar disse-lhe que o som provinha do comboio que se aproximava vindo de sul. Estaria ali dentro de dez a quinze minutos. Perguntou-se de que maneira poderia afetar a delicada operação que estava em curso.

Com uma ligeira mudança de posição, usou o monóculo de visão noturna para examinar a locomotiva diesel e a comprida fila de vagões que a seguia.

Decidindo que o comboio era irrevelante para ele e para os seus planos, James Bond voltou a apontar o óculo para o hotel e *spa*, continuando a observar o seu alvo através da janela do restaurante. Marcado pelos anos e pela intempérie, o grande edifício de paredes estucadas a amarelo com um friso castanho parecia ser, a julgar pelo número de *Zastava* e *Fiat* no parque de estacionamento, um dos pousos preferidos da população local.

Eram oito e quarenta e o céu da noite de domingo estava limpo naquele ponto perto de Novi Sad, onde a planície panoniana começava a transformar-se numa paisagem a que os sérvios chamavam «montanhosa», embora Bond achasse que o adjetivo devia ter sido escolhido para atrair turistas; para ele, um ávido praticante de esqui, aquelas «montanhas» não passavam de colinas. O ar de maio estava seco e frio, os arredores silenciosos como uma capela mortuária.

Bond voltou a mudar de posição. Com trinta e poucos anos, media um metro e oitenta e três e pesava setenta e sete quilos. Usava o cabelo

escuro com risco ao lado e uma madeixa solta caía-lhe para um dos olhos. Uma cicatriz com quase oito centímetros de comprimento sulcava-lhe a face direita.

Naquela noite, tomara alguns cuidados com a indumentária. Vestia um casaco verde escuro e umas calças impermeáveis da marca americana 5.11, que fabricava as melhores roupas táticas disponíveis no mercado. Calçava uma botas de couro bem usadas, feitas para correr e para garantir um bom equilíbrio em caso de luta.

À medida que a noite se adensava, as luzes a norte brilhavam mais intensamente: a velha cidade de Novi Sad. Por muito animada e encantadora que fosse agora, Bond sabia que tinha um negro passado. Depois de os húngaros terem chacinado milhares dos seus cidadãos, em janeiro de 1942, e lançado os corpos às águas geladas do Danúbio, Novi Sad tornara-se num alfofre de membros da resistência, os *partisans*. E ele estava ali naquela noite para impedir outro horror, diferente na sua natureza mas de magnitude igual ou ainda superior.

No dia anterior, sábado, um alerta agitara os Serviços de Informação britânicos. O GCHQ, em Cheltenham, descodificara uma mensagem eletrónica sobre um ataque mais para o fim da semana:

encontro no escritório de noah, confirmo incidente noite sexta-feira, 20, estimativa inicial baixas na ordem dos milhares, interesses britânicos adversamente afetados, fundos transferidos como combinado.

Pouco depois, os «ouvidos» do governo tinham decifrado parte de uma segunda mensagem, enviada pelo mesmo telefone, com o mesmo algoritmo de encriptação, mas para um número diferente:

encontro comigo domingo no restaurante rostilj arredores novi sad, 20:00. tenho +1,80 altura, sotaque irlandês.

Então o Irlandês – que tinha prestimosa, ainda que involuntariamente, sugerido a sua própria alcunha – destruíra o telefone ou tirara-lhe a bateria, e o mesmo tinham feito os destinatários dos SMS.

Em Londres, o Joint Intelligence Committee e membros do COBRA, o núcleo de gestão de crises, tinham estado em reunião pela noite dentro para avaliar o risco do Incidente Vinte, assim chamado por causa da data de sexta-feira.

Não havia informação sólida sobre a origem ou natureza da ameaça, mas o MI6 era de opinião que provinha das áreas tribais do Afeganistão, onde a al-Qaeda e suas filiações tinham começado a contratar operacionais ocidentais em países europeus. Seis agentes colocados em Cabul tinham feito um grande esforço para saber mais. Também a ligação sérvia tinha de ser seguida. E assim, às dez da noite de sábado, os compridos tentáculos destes acontecimentos tinham chegado a Bond, na altura sentado num luxuoso restaurante de Charing Cross com uma bela mulher cuja longa descrição de uma vida de pintora ignorada e subvalorizada começava a tornar-se cansativa. A mensagem no telemóvel de Bond dizia:

ACNOT, ligar DE.

O alerta de Ação Noturna significava que era exigida uma resposta imediata, independentemente da hora a que fosse recebido. O telefonema para o diretor executivo pusera um abençoado fim prematuro ao encontro e, pouco depois, Bond estava a caminho da Sérvia, a coberto de uma ordem-projeto de Nível 2 que o autorizava a identificar o Irlandês, colocar localizadores e outros aparelhos de vigilância e segui-lo. Caso isso se revelasse impossível, a ordem autorizava-o a proceder à excecional captura do indivíduo e levá-lo para Inglaterra ou para uma prisão secreta no continente, a fim de ser interrogado.

Por isso Bond estava naquele momento estendido no meio dos narcisos, tendo o cuidado de evitar as folhas da bela mas venenosa flor primaveril, concentrado a espreitar através da janela do Restoran Roštilj, do outro lado da qual o Irlandês estava sentado diante de um prato em que quase não tocara a falar com um homem ainda não identificado mas de aparência eslava. Talvez por receio, o contacto local estacionara o carro noutra local e fora a pé até ali, pelo que não havia qualquer chapa de matrícula que pudesse ser anotada.

O Irlandês não fora tão cuidadoso. Tinha chegado num *Mercedes* de gama baixa cerca de quarenta minutos antes. A matrícula revelara que o veículo fora alugado naquele mesmo dia e o aluguer pago em dinheiro vivo sob um nome falso, com uma carta de condução e um passaporte britânicos também falsos. O homem, que teria aproximadamente a mesma idade que Bond, talvez um pouco mais, era alto, quase um metro e noventa, e magro. Tinha uma maneira de andar deselegante, com as pontas dos pés viradas para fora. Uma estranha franja de cabelo louro cobria-lhe parcialmente a testa alta e as maçãs do rosto convergiam para um queixo quadrado.

Bond estava convencido de que aquele homem era o seu alvo. Duas horas antes, entrara no restaurante para tomar um café e colocara um aparelho de escuta junto à porta, do lado de dentro. O homem chegara à hora marcada e dirigira-se ao *maitre* em inglês – devagar e em voz alta, como muitas vezes as pessoas fazem quando falam com estrangeiros. A Bond, que o ouvia graças a uma aplicação do telemóvel a trinta metros de distância, o sotaque era claramente do Ulster – quase de certeza de Belfast ou da área circundante. Infelizmente, a conversa entre o Irlandês e o contacto local estava a decorrer fora do alcance do aparelho de escuta.

Bond estudava o seu adversário através do óculo, tomando nota de todos os pormenores. «As pequenas pistas salvam-nos, os pequenos erros matam-nos», como gostava de lembrar o instrutor de Fort Monkton. Notou que os modos do Irlandês eram precisos e que o homem não fazia gestos desnecessários. Quando o outro desenhou um diagrama, puxou o desenho para si com a ponta de borracha de uma lapiseira, de modo a não deixar impressões digitais. Sentava-se de costas para a janela e de frente para o parceiro; as aplicações de vigilância do telemóvel de Bond não conseguiam ler os lábios de nenhum dos dois. A dada altura, o Irlandês voltou-se energicamente e olhou para fora, como que alertado por um sexto sentido. Os olhos pálidos eram desprovidos de qualquer expressão. Passado algum tempo, voltou-se para a comida em que aparentemente não estava interessado.

A refeição parecia estar a chegar ao fim. Bond abandonou o alto da colina e desceu a encosta por entre os abetos e pinheiros dispersos e os anémicos arbustos salpicados de ubíquas flores brancas. Passou

pelo desbotado cartaz em sérvio, francês e inglês que o tinha feito sorrir quando chegara:

SPA E
RESTAURANTE ROŠTILJ

Localizado numa região declarada terapêutica,
é unanimemente recomendado para convalescenças
pós-operatórias especialmente eficaz no caso de doenças
agudas e crónicas dos órgãos respiratórios e anemias.

Bar completo

Voltou ao ponto de encontro, atrás do decrepito barracão que cheirava a óleo de motor, gasolina e mijo, perto do caminho de acesso ao restaurante. Os seus dois «camaradas», como lhes chamava mentalmente, esperavam-no lá.

James Bond preferia trabalhar sozinho, mas o plano que gizara exigia dois agentes locais. Eram homens da BIA, a Agência de Informação e Segurança sérvia, o nome mais agradável que se poderia imaginar para uma organização de espionagem. Estavam, no entanto, disfarçados com uniformes da Polícia de Novi Sad e ostentavam o crachá dourado do Ministério do Interior.

Rostos achatados, cabeças redondas, sempre carrancudos, usavam os cabelos cortados à escovinha sob os quépis azuis. Os uniformes de lã eram da mesma cor. Um tinha cerca de quarenta anos, o outro vinte e cinco. Não obstante o disfarce de polícias rurais, estavam equipados para uma batalha: pesadas pistolas *Beretta* e montes de munições. No banco traseiro do carro da polícia em que se faziam transportar, um *Volkswagen Jetta*, tinham duas *Kalashnikov* camufladas, uma *Uzi* e um saco de lona cheio de granadas defensivas – das boas, *HG 85* suíças.

Bond voltou-se para o mais velho, mas antes que pudesse falar ouviu um estalo vindo de trás. Rodou vivamente, com a mão a voar para o coldre da *Walther PPS...* e viu o mais novo a bater com um maço de cigarros na palma da mão, um ritual que, como ex-fumador, sempre achara pretensioso e desnecessário.

Que raio estaria o homem a *pensar*?

– Silêncio – sussurrou friamente. – E guarde esses cigarros.

Uma sombra de perplexidade perpassou pelos olhos escuros.

– O meu irmão fuma sempre quando está em operações. Na Sérvia, parece mais normal do que *não* fumar.

Durante o trajeto até ali, o rapaz tagarelara incansavelmente sobre o irmão, um agente com um alto cargo no JSO, tecnicamente uma unidade dos Serviços Secretos sérvios mas que Bond sabia ser na verdade um grupo paramilitar que levava a cabo operações clandestinas. O jovem deixara escapar, talvez intencionalmente, que o irmão tinha pertencido aos Tigres de Arkan, um bando de assassinos responsável por algumas das piores atrocidades cometidas durante os combates na Croácia, na Bósnia e no Kosovo.

– Talvez nas ruas de Belgrado um cigarro passe despercebido – murmurou Bond –, mas isto é uma operação tática. Guarde-os.

O agente obedeceu, devagar. Pareceu prestes a dizer qualquer coisa ao companheiro, mas mudou de ideias, talvez por se ter lembrado de que Bond falava servo-croata suficientemente bem para perceber.

Bond voltou a olhar para o restaurante e viu o Irlandês a colocar alguns dinares na bandeja metálica. Nada de cartões de crédito que deixariam um rasto fácil de seguir, claro. O outro homem vestia o casaco.

– Muito bem, chegou o momento – disse, e relembrou o plano. Seguiriam o *Mercedes* do Irlandês durante cerca de quilómetro e meio. Os dois agentes sérvios mandá-lo-iam então parar, alegando que o carro correspondia à descrição do veículo usado num assalto relacionado com drogas em Novi Sad. Pediriam delicadamente ao Irlandês que se apeasse e algemá-lo-iam. O telemóvel, a carteira e os documentos de identidade seriam guardados na bagageira do *Mercedes* e o homem obrigado a sentar-se na berma da estrada, de costas voltadas para o carro.

Entretanto, Bond entraria sem ser visto para o banco traseiro, fotografaria os documentos, descarregaria o que pudesse do telemóvel, daria uma vista de olhos à bagagem e ao computador portátil, se houvesse algum, e colocaria localizadores.

Por essa altura, o Irlandês já teria percebido que se tratava de uma tentativa de extorsão e oferecido um suborno adequado. Seria libertado e seguiria o seu caminho.

Se o contacto local sáisse do restaurante com ele, executariam basicamente o mesmo plano com ambos.

– Tenho quase a certeza de que ele vai acreditar em vocês – continuou Bond. – Mas se não acreditar, e resistir, lembrem-se de que em circunstância alguma pode ser morto. Preciso dele vivo. Apontem ao braço, perto do cotovelo, não ao ombro.

Não obstante o que se via nos filmes, um ferimento no ombro era geralmente tão fatal como um no abdómen ou no peito.

O Irlandês saiu naquele momento do restaurante, com o seu passo estranho. Olhou em redor, fazendo uma pausa para examinar a área, atento a quaisquer diferenças. Tinham, entretanto, chegado novos carros. Haveria neles qualquer coisa de significativo? Aparentemente, decidiu que não havia qualquer ameaça e os dois homens entraram para o *Mercedes*.

– São os dois – disse Bond. – Mesmo plano.

– *Da*.

O Irlandês ligou o motor. As luzes acenderam-se.

Bond aproximou a mão da *Walther*, aninhada no seu coldre de couro *D.M. Bullard*, e instalou-se no banco traseiro do carro da polícia, reparando numa lata de *Jelen Pivo* vazia caída no chão. Um dos sérvios aproveitara para beber uma cerveja enquanto ele vigiava do alto da colina. A insubordinação incomodou-o menos do que a falta de cuidado. O Irlandês era bem capaz de desconfiar ao ser interpelado por um polícia cujo hálito cheirava a cerveja. O ego e a ganância alheios podiam ser úteis, achava Bond, mas a incompetência não passava de um perigo inútil e indesculpável.

Os sérvios ocuparam os bancos da frente e ligaram o motor. Bond bateu com um dedo no auscultador do seu CRCO, o dispositivo para comunicações rádio a curta distância usado pelos agentes de campo em operações táticas.

– Canal Dois – lembrou-lhes.

– *Da, da*. – O mais velho parecia aborrecido. Colocaram ambos os auriculares.

James Bond voltou a perguntar-se: teria planeado aquilo corretamente? Apesar da rapidez com que a operação fora montada, passara horas a desenvolver os aspetos táticos. Julgava ter previsto todas as variantes possíveis.

Exceto uma, aparentemente.

O Irlandês não fez o que indiscutivelmente devia fazer.

Não se foi embora.

O *Mercedes* afastou-se na direção *oposta* ao caminho de acesso e saiu do parque de estacionamento para o relvado contíguo ao restaurante, do outro lado de uma alta sebe, fora das vistas do pessoal e dos comensais. Dirigia-se para um campo coberto de vegetação rasteira, a leste.

– *Govno!* – rosnou o agente mais jovem. – Que está ele a fazer?

Apearam-se os três, para ver melhor. O sérvio mais velho empunhou a pistola e começou a correr atrás do carro.

Bond deteve-o com um gesto.

– Não! Espere.

– Vai fugir. Sabe que estamos aqui!

– Não... é outra coisa.

O Irlandês não conduzia como se estivesse a ser perseguido. Avançava lentamente, o *Mercedes* a deslizar como um barco embalado por uma suave ondulação. Além disso, não havia *para onde* fugir. Estava cercado pelas falésias sobranceiras ao Danúbio, pelo leito da ferrovia e pela floresta que cobria a elevação de Fruška Gora.

Bond viu o *Mercedes* chegar aos carris, a cerca de cem metros do sítio onde estavam. Abrandou, fez uma inversão de marcha e parou, a frente apontada na direção do restaurante. Muito perto de um barracão de manutenção dos caminhos de ferro e da agulha, onde uma segunda via se desviava da linha principal.

O propósito do vosso inimigo ditará a vossa resposta – Bond recitou silenciosamente outra máxima das preleções no Specialist Training Centre de Fort Monckton, em Gosport. É preciso descobrir a intenção do adversário.

Mas qual *era* a intenção do Irlandês?

Bond voltou a pegar no óculo, ligou o dispositivo de visão noturna e focou-o. O parceiro do Irlandês tinha aberto um painel montado num sinal junto à agulha e estava a mexer no seu interior. Bond viu que a segunda via, que se desviava para a direita, era um ramal enferrujado e desativado, que terminava numa barreira no topo de uma elevação.

Era então sabotagem. Iam fazer descarrilar o comboio desviando-o para o ramal. Os vagões rolariam colina abaixo até um ribeiro que desaguava no Danúbio.

Mas porquê?

Bond dirigiu o monóculo para a locomotiva diesel e para a composição que a seguia, e viu a resposta. Os dois primeiros vagões continham apenas sucata de metal, mas, logo a seguir, um vagão de caixa aberta, tapado por uma lona, ostentava as palavras *Opasnost-Danger!* e o losango indicativo de materiais perigosos, o símbolo universal que avisava o pessoal encarregado de resolver situações de emergência dos riscos de uma determinada carga. O losango apresentava números altos e alarmantes para todas as três categorias: saúde, instabilidade e inflamabilidade. O W no vértice inferior significava que a substância reagiria perigosamente à água. O que quer que aquele vagão transportasse situava-se na categoria mais mortífera, logo abaixo dos materiais nucleares.

O comboio estava naquele momento a mil e duzentos metros da agulha, e a ganhar velocidade para vencer o declive da ponte.

O propósito do vosso inimigo ditará a vossa resposta...

Não sabia que relação haveria entre aquela sabotagem e o Incidente Vinte, se é que existia alguma relação, mas o objetivo imediato era evidente. Como evidente foi a resposta de Bond, instintivamente formulada. Dirigiu-se aos companheiros.

– Se tentarem fugir, bloqueiem-nos no caminho de acesso e detenham-nos. Sem os matar.

Saltou para o lugar do condutor do *Jetta*. Apontou o carro na direção dos campos onde estivera de vigilância e acelerou a fundo ao mesmo tempo que levantava a embraiagem. O pequeno carro saltou para a frente, o motor e a caixa de velocidades a protestarem contra aquele tratamento, e abriu caminho por entre os arbustos, as pequenas árvores, os narcisos e as silvas que cresciam por todo o lado na Sérvia. Os cães fugiam do seu caminho e as luzes das pequenas casas de campo próximas acenderam-se. Nos jardins, os residentes agitavam os braços furiosamente.

Bond ignorou-os e concentrou-se em manter a velocidade, direto ao seu destino, guiado apenas pela débil luminosidade: um crescente de lua e o farol do comboio condenado, muito mais brilhante e redondo do que o luzeiro no céu.